

AS RESPOSTAS DA SOCIEDADE

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 07.02.1981

Este jornal iniciou há algum tempo a publicação de uma página com o título “A “Folha” e as Respostas da Sociedade em Crise”. Quando vi esse título imaginei que teríamos mais uma leva de doutos políticos, economistas, cientistas sociais, além de empresários e seus representantes, a opinar sabiamente sobre a solução definitiva e geral para os problemas que afligem a Nação. Mas o que passei a ler foi uma série de reportagens e artigos em que víamos descrito o trabalho concreto que vem sendo realizado por uma infinidade de movimentos sociais dos mais variados tipos e origens para resolver comunitariamente os problemas enfrentados.

Não creio que tenha sido por acaso, ou por fruto de mera decisão dos editores deste jornal, que as “respostas da sociedade em crise” assumiram esse caráter. Isto também pode ser verdade, mas o fato é que o jornal acabou por registrar de maneira extraordinariamente feliz e oportuna um fenômeno social e político fundamental da sociedade brasileira atual: o fortalecimento dos movimentos sociais de base.

Diante da frieza das empresas, orientadas exclusivamente para a acumulação, e da hostilidade do Estado, preocupado unicamente com o poder, não restou às classes dominadas, inclusive amplos setores das camadas médias, outra alternativa senão organizar-se por conta própria e defender seus próprios interesses.

Foi na Igreja, a partir de sua decisiva “opção preferencial pelos pobres”, que a sociedade encontrou maior apoio nessa tarefa de auto-organização. As comunidades eclesiais de base são a manifestação mais significativa dessa solidariedade entre a Igreja e a população. Mas as formas de organização popular ultrapassaram os limites da Igreja e começam a alcançar toda a sociedade.

Em um momento da história em que não apenas a solução capitalista, mas também a solução comunista estatal revelaram sua inadequação para resolver os problemas de liberdade, bem-estar e igualdade entre os homens, a esperança na descentralização econômica e política, na autogestão em todos os níveis da sociedade, renasce, ganha força. E os movimentos sociais de base, espontâneos, vigorosos e cada vez melhor organizados abrem novas perspectivas para o País.

E utópico, entretanto, imaginar que a solução esteja exclusivamente no trabalho de base. Este é essencial na medida em que é fundamental organizar politicamente a sociedade contra a opressão do capital e da organização burocrática. Só pode existir liberdade quando a sociedade é capaz de defendê-la em todos os seus níveis, inclusive no nível político global, da mesma forma que só é possível alcançar bem-estar na medida em que não apenas a distribuição seja equalizada, mas também que a produção global da sociedade seja permanentemente aumentada. E para isso o Estado e as empresas continuarão necessários. Por isso os movimentos sociais de base não se substituem às instituições econômicas e políticas, mas constituem-se em um instrumento fundamental para o controle dos seus abusos.(07/02/81)